

Brasília não será apenas Brasília. Terá a Interlagos

Quando todas as áreas do Plano Piloto estiverem construídas e habitadas, para onde crescerá Brasília? Para onde irá a nova população de poder aquisitivo mais elevado e que não quer ficar nas cidades-satélites?

As respostas estão em uma série de planos, que vêm sendo estudados desde a última administração do Distrito Federal e se resume em apenas uma palavra: Interlagos. Essa será a futura cidade a ser incorporada a Brasília e seu nome originou-se de sua própria localização — entre os lagos Paranoá e São Bartolomeu. O nome ainda não é oficial e poderá ser alterado, já que em São Paulo há uma área com esse nome e que se projetou devido ao seu autódromo.

Pensando em como evitar uma supervalorização dos imóveis do Plano Piloto, incluindo as áreas próximas às penínsulas norte e sul do Paranoá, o Governo do Distrito Federal começou a estudar os planos de uma cidade futura, que seria anexada à Brasília prevista por Lúcio Costa.

Essa nova cidade, cuja construção poderá ser iniciada (caso o governador Elmo Farias aprove todos os seus planos) antes mesmo da total ocupação das áreas habitáveis de Brasília, será muito diferente do Plano Piloto. Sua principal característica serão edifícios de grande porte e deverá ser independente da Brasília administrativa. Terá vida própria, incluindo comércio.

O conjunto Plano Piloto, cidades-satélites e Interlagos poderia ser comparado ao estado de Nova Iorque. A capital administrativa não será o centro da região metropolitana, mas sim a nova cidade que, no futuro, seria o coração de tudo. O Plano Piloto seria transformado numa espécie de Albany, a capital do Estado de Nova Iorque, enquanto Interlagos seria a grande cidade.

Com o crescimento populacional do Distrito Federal, no futuro haverá a ligação do Plano Piloto com a Interlagos. Entretanto, as cidades-satélites permanecerão à distância do Plano, separadas pelo "anel" previsto e defendido pelo urbanista Lúcio Costa.

Seis milhões de pessoas poderiam ser atendidas com o represamento do rio São Bartolomeu concentrando um volume de água superior ao da Baía da Guanabara, dentro de um investimento da ordem de seis milhões de cruzeiros, o que equivale a cinco vezes o orçamento do Governo de Brasília.

Uma equipe de engenharia da Universidade de Brasília está estudando a viabilidade da construção da barragem, ao mesmo tempo em que realiza levantamentos na região do futuro lago.

A cidade que surgiria na área que fica situada entre o Lago do Paranoá e o futuro Lago São Bartolomeu poderia ter condições de abrigar um milhão de pessoas.

Conforme as previsões, a primeira parte do projeto ficaria concluída em 1983. Sua conclusão poderia ocorrer em 1990, permitindo uma vazão de 25 mil litros de água por segundo. A barragem deverá ser uma das maiores do mundo.

A importância dos lagos na futura construção de cidades é realçada pelo superintendente da Caesb, engenheiro Lúcio Gomide:

— Os lagos não interferem apenas cenicamente, isto é, modificando o aspecto visual das paisagens. Eles trazem modificações bem mais profundas porque possibilitam o aproveitamento da própria região onde ficam situados. Lazer e campismo, modalidades de turismo ativo, são facilmente estimuláveis nas regiões lacustres.

— Na área de Brasília, os lagos são os responsáveis indiretos pelas condições de habitabilidade da região, uma vez que o clima do Planalto-Central é predominantemente seco e úmido. Os lagos são também um fator decisivo na movimentação dos fluxos urbanos. Em geral, são construídos antes de uma mudança de concentração urbana e não depois, como se pensa.

— Um exemplo está no Paranoá. Longe do que ensinam os manuais turísticos de Brasília, a verdadeira história do Paranoá não se prende de forma nenhuma à

fundação da cidade. Ele foi projetado muito antes mesmo de se pensar em sua concretização, desvinculado de qualquer outro projeto. Em virtude da insalubridade do clima de Anápolis e da sua insuficiência energética, pensou-se em construir uma barragem que satisfizesse essas duas necessidades básicas. No entanto, ao ser instalada a comissão de estudos para a fundação de Brasília, os especialistas verificaram que os rios existentes seriam insuficientes para prover de água uma população de mais de 500 mil habitantes (população futura prevista para a cidade).

Partindo dessa constatação, a Novacap decidiu construir a barragem já estruturada (para Anápolis) ao mesmo tempo em que preencheria as necessidades básicas da futura população da cidade. Assim, Brasília teve o seu primeiro lago.

Em virtude do lago Paranoá revelar-se incapaz de prover satisfatoriamente a população de Brasília, foi necessária uma série de novos estudos para a construção de outras barragens, que dariam melhores condições à população existente e em franco crescimento.

Partindo desse raciocínio, foram feitos projetos entre o Governo do Distrito Federal e a Novacap no sentido de construir uma nova barragem que satisfizesse duas condições: possibilitar uma melhor captação da água dos rios fornecedores e um represamento que contivesse um volume suficiente para suprir uma população superior a 500 mil pessoas.

Com isso, Brasília ganhou o seu segundo lago, o lago de Santa Maria, concluído em 1970 no Parque Nacional da cidade, fora das movimentações urbanas e dos possíveis agentes de poluição. Este lago, devido às suas características de isolamento, constitui-se hoje em um dos principais apoios do lago Paranoá no fornecimento de água e intervenção nas condições atmosféricas da cidade: apesar de sua capacidade também não ser suficiente para suprir futuras deficiências de abastecimento, energia e armazenamento de água.

Como os fluxos populacionais sempre crescem de maneira muito mais rápida que o volume previsto para os lagos, a saturação quase sempre acontece muito antes das datas previstas. Brasília sempre apresentou uma taxa de crescimento migratório muito acelerado em comparação com outras cidades do país, de forma que a preocupação com a construção de novas barragens passou a ser uma constante em todos os setores encarregados da administração da cidade.

Após o Paranoá e o Santa Maria, sentiu-se que mais uma vez seria insuficiente o volume de água armazenado e decidiu-se partir para um novo projeto. Em 1955, já fora previsto que o crescimento da cidade saturaria em pouco tempo, e que os rios fornecedores do Paranoá e do Santa Maria não seriam suficientes para manter constante o volume de água dos dois lagos. O antigo DAE (hoje Caesb) decidiu então enviar um projeto onde fossem estudadas todas as possibilidades de um melhor abastecimento de Taguatinga.

Decidiu-se construir uma barragem no rio Descoberto, já que o INCRA também estava interessado em construir uma represa no mesmo local. Após estudos entre o INCRA e a Caesb, a barragem começou a ser construída em 1970 e foi terminada em 1973, mantendo as mesmas características da barragem de Santa Maria.

No entanto, o projeto mais ambicioso no campo de previsões sobre deslocamentos populacionais é o que envolve a barragem do rio São Bartolomeu. O projeto prevê um lago cujo volume será seis vezes maior que o da Baía da Guanabara e com total autonomia para eliminar todas as possíveis incapacidades das barragens atuais. Para livrá-la de toda e qualquer possibilidade de poluição, a Caesb e o GDF resolveram interditar toda a área do vale do São Bartolomeu, incluindo as cidades de Planaltina e Sobradinho, na região da barragem. Foi proibida toda e qualquer manifestação industrial na área dessas cidades e seus habitantes foram preparados para não interferir de forma danosa, causando alterações na fisionomia do sistema ecológico.

